

# PESCADORES ARTESANAIS NA COMUNIDADE PESQUEIRA DO NZETO-ANGOLA

Henrique Júnior Bernadeth Gonçalves<sup>1</sup>

Oriowaldo Queda<sup>2</sup>

Maria Lúcia Ribeiro<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

### Caracterização de Angola

Angola está situada na parte ocidental da África, especificamente na zona austral; o país é banhado pelo oceano Atlântico e tem um litoral de 1,6 mil km, de norte a sul. Com uma extensão territorial de 1.246.700 km<sup>2</sup>, Angola possui uma fronteira extensa — 4.873 km —, limitando-se a norte e a nordeste com República do Congo, República Democrática do Congo, com a Zâmbia a sudeste e com a Namíbia a sul. Vale salientar ainda que o território de Angola pode ser dividido em seis áreas geomorfológicas: (i) área costeira, (ii) cadeias de montanhas marginal, (iii) o velho planalto, (iv) a bacia do Zaire, (v) a bacia do Zambeze e (vi) a do Cubango.

Angola, em termos territoriais, é o terceiro maior país da África Subsaariana. Segundo dados do último censo nacional realizado pelo Instituto Nacional de Estatística de Angola (Inea), que decorreu de 16 a 31 de maio de 2014, o país tem 25,7 milhões de habitantes, sendo que o número de mulheres sobrepõe o de homens.

É importante pontuar que Angola, durante o período colonial, de fato alcançou elevadas taxas de crescimento e impulsionou seus setores agropecuário e manufatureiro; à época, o país exportava café e alimentos básicos, nomeadamente milho e, de modo prático, possuía autossuficiência alimentar.

Ainda assim, a maior parte da população continuava a viver em situação de extrema pobreza, e os indicadores sociais eram acentuadamente baixos. Não obstante, Angola esteve mergulhada durante quarenta anos em conflitos iniciados com a luta por sua autonomia, em 1961, acompanhada pela irrupção de uma guerra civil após a independência de Portugal, que se deu em 1975. O êxodo dos colonos portugueses e a luta armada ocasionaram o declínio drástico das atividades produtivas no país; a produção agrícola foi profundamente abalada e boa parte dela deslocada.

No entanto, a atividade produtiva, responsável por 10% do produto interno bruto (PIB) à época da proclamação da independência, praticamente desapareceu. Logo, as lutas armadas causaram um efeito estrutural prolongado sobre a economia angolana e, particularmente, sobre a sociedade (UNCTD, 2013).

Segundo Oliveira e Artmann (2009), cerca de 60% da população angolana encontra-se ainda concentrada nos grandes centros urbanos, fruto do longo tempo de guerra civil que assolou o país desde a independência, em 1975, até 2002.

---

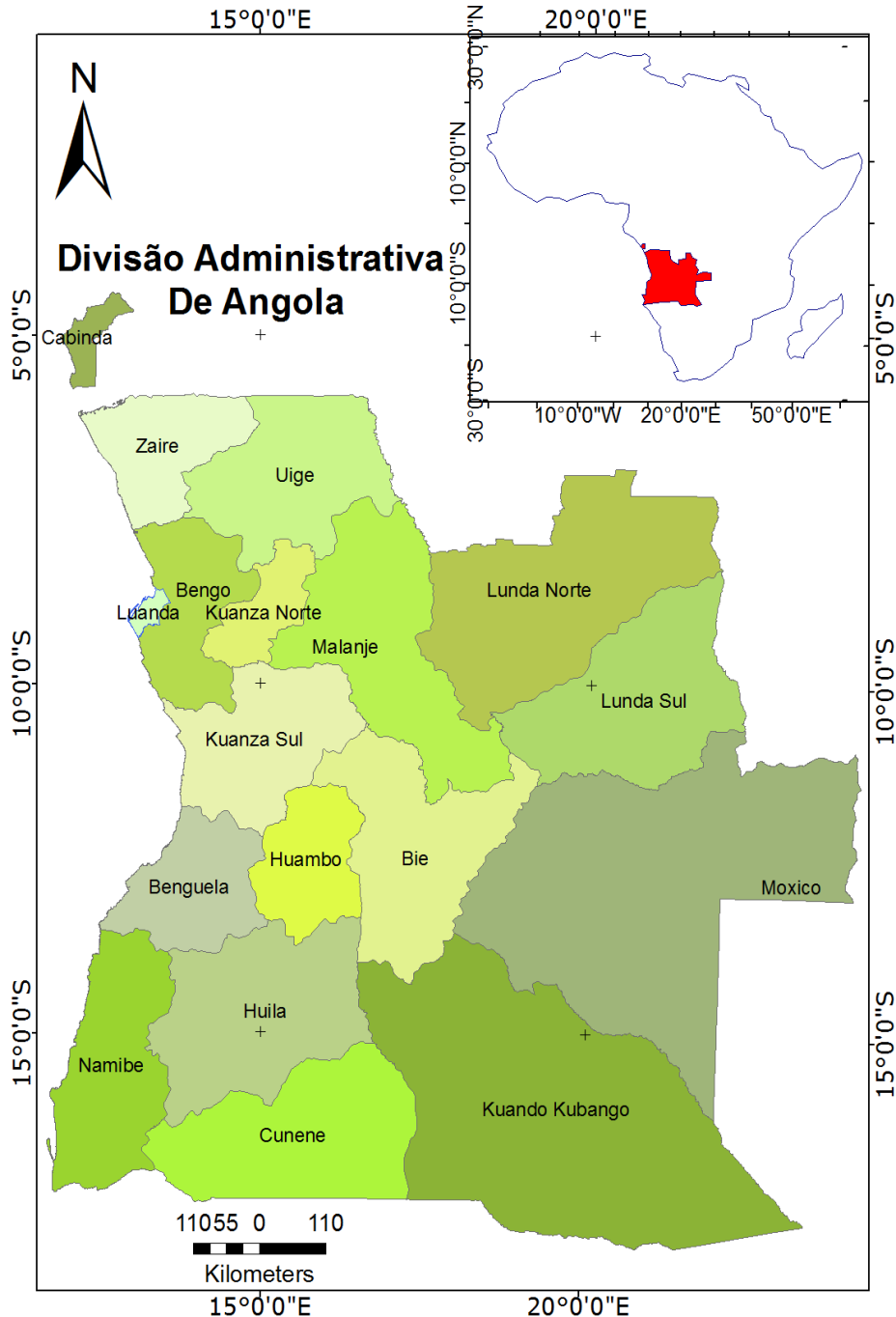
<sup>1</sup> Aluno de mestrado – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente da UNIARA.

<sup>2</sup> Prof. Dr. do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente da UNIARA

<sup>3</sup> Prof. Dr. do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente da UNIARA

Angola subdivide-se em dezoito províncias (Figura 1); 65% do território está situado em uma altitude entre mil e 1,6 mil metros. A moeda oficial é o *kwanza*; a língua oficial, o português, sendo que outras línguas nacionais (dialetos) são também muito usuais, como *kikongo*, *kimbundo*, *tchokwe*, *umbundo*, *mbunda*, *kwanyama*, *nhaneca*, *fiote*, *nganguela*, dentre outras (ANGOLA, s. d.). O país é, desse modo, uma das maiores unidades geográficas do continente africano, nitidamente com paisagem que alterna o deserto com florestas tropicais virgens e uma costa marítima das mais extensas do continente africano, contendo no solo reservas dos mais diversos recursos naturais (BUNGA, 2015).

**Figura 1:** Divisão administrativa de Angola.



Fonte: NETO (2014).

A independência angolana foi seguida por uma guerra civil de 27 anos, que resultou na morte de 1 milhão de pessoas e no deslocamento de mais de 4 milhões. Entretanto, desde 2002, Angola desfruta de um período de paz e estabilidade política,

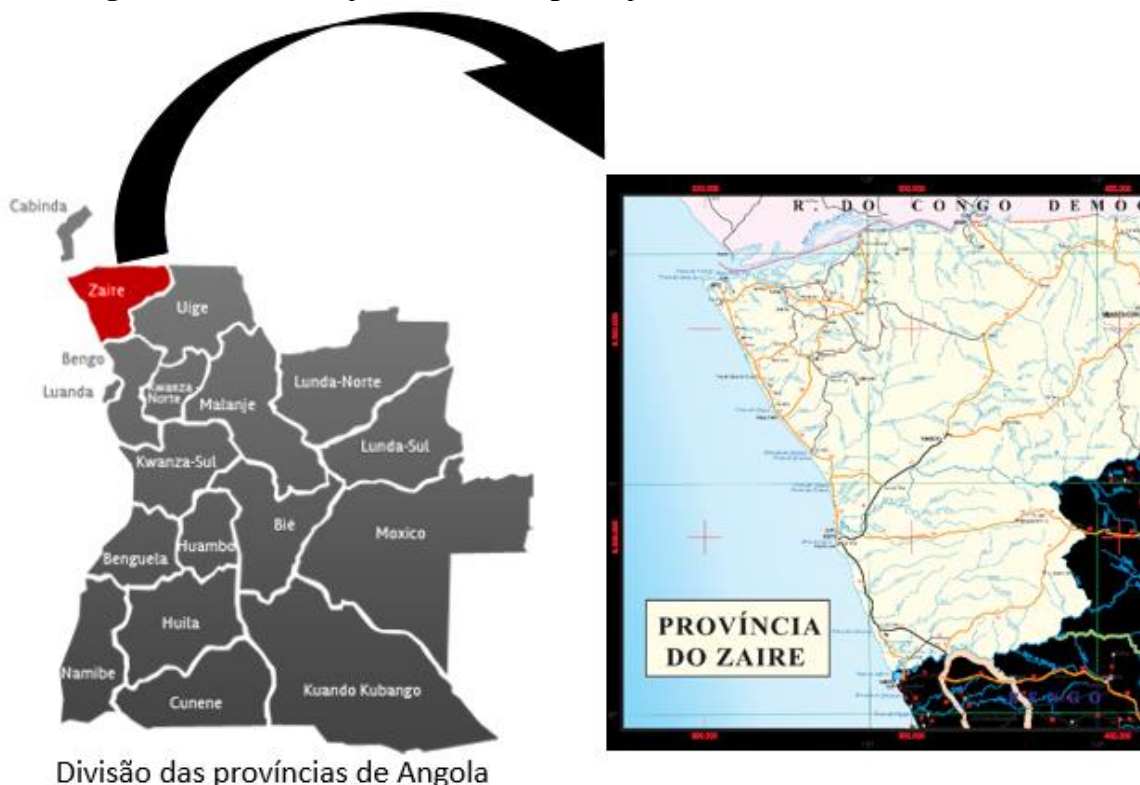
reiterando-se ainda que o país estabeleceu e manteve uma economia próspera, com crescimento médio anual do PIB real de 11,6%, considerada a maior média do mundo. Em suma, esse crescimento expressivo deve-se ao aumento da produção e das exportações de petróleo, recuperação essa que resultou na reabilitação e na construção de infraestrutura econômica e no aumento gradual da produção agrícola, da pecuária e da pesca. Não obstante, frente ao crescimento econômico global impressionante, ainda há muito a fazer para melhorar as condições de vida da população angolana.

## Contextualização geográfica da província do Zaire

A província do Zaire (Figura 2) está localizada no extremo noroeste de Angola, divisando a norte com a República Democrática do Congo — 190 km de fronteira fluvial e 120 km de fronteira terrestre —; a oeste, com o oceano Atlântico, em uma extensão de 250 km, a sul, com as províncias do Bengo e de Uíge. Sua extensão territorial é de 40.130 km<sup>2</sup>, o que representa 3,2% do território angolano. É importante ainda frisar que sua localização geográfica permite usufruir de boa acessibilidade, quer dizer, por vias marítimas, terrestres e fluviais. De oeste a leste, a província estende-se por três zonas fisiográficas, denominadas planície litoral, subplanalto do Congo e serra de Canda (ZAIRE, 2014).

A capital da província do Zaire é a cidade de M'Banza Kongo, que também faz parte de um dos municípios da mesma província, mas, por razões da localização, é também um polo de dinamização do interior da província. Os demais municípios são Soyo, Nzeto, Tomboco, Noqui e, por último, e também o de menor extensão, o de Cuimba.

**Figura 2:** Divisão das províncias de Angola e província do Zaire.



Fonte: ZAIRE (2014).

## Pesca artesanal em Angola

Pescadores artesanais podem ser descritos como aqueles que, na captura e no desembarque de toda classe de espécies aquáticas, trabalham sozinhos e/ou utilizam

mão de obra familiar ou não assalariada, explorando ambientes ecológicos localizados próximos à costa, pois a embarcação e a aparelhagem utilizadas para tal têm pouca autonomia (CLAUZET; RAMIRES; BARRELLA, 2005). A atividade piscatória é uma das mais antigas exercidas pelo homem e vem desde o período que antecede ao Neolítico (7000-2500 a.C.); isso se explica pelos restos de cerâmica, cascas de ostras e mexilhões, e outros sedimentos encontrados na Escandinávia em período anterior ao Neolítico, atestando a importância remota dos moluscos na alimentação humana (DIEGUES, 2003).

Em um levantamento feito em 2005, 20% dos agregados familiares — aqueles inseridos na amostragem das diferentes províncias — foram identificados como diretamente envolvidos na prática pesqueira. Sendo assim, a atividade ou a cadeia de valor da pesca artesanal em Angola é composta nomeadamente por captura, desembarque, processamento e, finalmente, comercialização. Não que ocorra obrigatoriamente nessa ordem, visto que o processamento é a prática em que as mulheres compram o produto dos pescadores e, em seguida, efetuam o processamento, que é normalmente a secagem; em situações adversas, esta pode acontecer antes mesmo do desembarque ou não realizar-se. O mesmo pode perceber-se no fato de não existir na pesca artesanal, em algumas circunstâncias, a atividade de processamento e distribuição, uma vez que a venda do produto é levada a cabo pelas mulheres da comunidade próxima ao local onde se faz o desembarque e, por conseguinte, funcionando como comércio de pescado (ANGOLA, 2013).

É notório que exercer a pesca artesanal significa estabelecer uma relação de pertencimento com o mar; em suma, é elaborar rigorosamente uma comunhão com esse recurso ecológico. Ademais, se entre uma tripulação ou, digamos, grupo de pescadores embarcados, há que existir o sentimento de irmandade, com as águas marítimas e estuarinas, nessa mesma dinâmica, não deve ser diferente. Reitere-se que ser pescador artesanal embarcado é pertencer aos ritmos e aos segredos das águas e das representações provocadas e alimentadas por esse recurso ecológico no dia a dia dos trabalhadores pesqueiros e na capacidade de gestão socioambiental desses trabalhadores (RAMALHO, 2006).

A pesca artesanal em Angola ocorre paralelamente à pesca comercial, que é feita por grandes embarcações estrangeiras e em parceria com empresas locais e arrendadas, cujo escopo principal é atender o mercado externo. Já pessoas singulares e pequenas empresas dedicam-se à pesca artesanal em uma escala menor, e a atividade constitui fonte geradora de receitas para um número considerável de famílias angolanas, assim como contribui na diversificação da dieta alimentar do povo angolano.

Acrescente-se ainda, que, em Angola, o consumo estimado anual de peixe por pessoa é de 15 kg, acima dos 14 kg recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Há um potencial considerável para aumento das vendas locais de peixes frescos, secos ou processados de outras formas, e quase um terço da proteína animal necessária para a população vem dos peixes. A proporção de proteína animal de peixes para Angola foi de 29% em 2003 (KONDA, 2008).

É necessário ressaltar que, significativamente, para melhorar os meios de subsistência e a segurança alimentar após o período de guerra prolongado, e, conseqüentemente, os deslocamentos, a política foi determinante em sua consecução, visto que por algum tempo definiu quem se beneficiaria das riquezas dos recursos naturais em Angola. Recursos pesqueiros, recursos hídricos e minérios são riquezas que devem ser compartilhadas por todos os cidadãos, em vez de serem explorados por grupos seletos em uma sociedade extremamente desigual. Neste sentido, a governança sustentável do recurso é uma questão política com dimensões locais, nacionais e globais.

Este estudo visa especificamente explorar o potencial papel das cooperativas na governança do subsetor da pesca artesanal em Angola. Saliente-se que a importância da pesca artesanal para Angola está refletida no fato de que cerca de dois terços dos pescadores do país ganham a vida como pescadores artesanais (DU PREEZ, 2009).

Nesse âmbito, este estudo identificou as dificuldades e as condições de vida da comunidade pesqueira à luz do exercício da pesca, dentro do contexto da marginalização das atividades da pesca artesanal no município do Nzeto, província do Zaire, Angola.

## **METODOLOGIA**

### **Área de estudo**

O município do Nzeto está localizado ao sul da província do Zaire, tendo como limite ocidental o oceano Atlântico, rodeado ao norte pelo município do Tomboco, ao leste pela província do Uíge e ao sul pela província do Bengo. Com base no último censo realizado em 2014, o município conta com uma população estimada em 48.011 habitantes, dos quais 23.952 são homens e 24.060, mulheres (INE, 2016). Nesse contexto, é o município de maior extensão territorial da província, com 10.120 km<sup>2</sup>, o que representa pouco mais de um quarto da área provincial total. Engloba quatro comunas: Nzeto, Kindege, Mussera e Kibala, com um total de 76 aldeias. O município compreende uma faixa litoral extremamente grande, com clima tropical, enquadrando-se assim no clima tropical quente, com duas estações climáticas definidas. Cabe dizer que 11% da população da província do Zaire reside no município, dispersa pelas comunas, mas com concentração maior na comuna-sede.

Dentre as várias comunidades pesqueiras existentes em Angola, vale ressaltar que o presente estudo está focado em pesquisar a comunidade pesqueira do Nzeto. Notadamente, para um número grande de famílias, população residente ou não ao longo das margens da costa marítima, a pesca artesanal constitui prática viável e é a fonte mais importante de renda. No município estima-se que exista 285 pescadores, estes majoritariamente se encontram situados na cidade sede do município (Nzeto) outros estão nas aldeias circunvizinhas. Existem ainda deste modo, quatro cooperativas de pescadores no município.

Na província, é patente a inexistência de grandes embarcações para a prática da pesca artesanal, o que fomenta práticas mais mecanizadas nas construções de possíveis embarcações, estas sim geralmente e totalmente inadequadas, mal aparelhadas e construídas umas de madeira, outras em pau escavado ou fibra de vidro. Razões pelas quais a produção pesqueira é totalmente comprometida e limitada ao atendimento da demanda do mercado local e externo e na arrecadação monetária da mão de obra de seus intervenientes (ZAIRE, 2014).

### **Coleta de dados**

O estudo foi realizado a partir de análises documentais da legislação e dos planos ministeriais do Governo de Angola, das mais diversas áreas que compõem a comunidade pesqueira, bem como da vasta bibliografia pertinente ao setor. Para o seguinte propósito, de forma a enaltecer a pesquisa, recorreu-se à pesquisa descritiva para observar, analisar e correlacionar os fatos e os fenômenos ao estudo de caso de uma cooperativa local (denominada Dialungana), analisando seus aspectos político-sociais em conjunto com estudo exploratório.

De forma a reunir dados importantes, foi preciso, inicialmente, coletar informações qualitativas disponíveis em documentos de autoridades governamentais em fases complementares:

- a) Coleta de informações e dados precisos junto às instituições de representação do MPA;
- b) Análise de dados qualitativos e quantitativos do IPA;
- c) Obtenção de dados e informações político-sociais e culturais na administração municipal do Nzeto.

Para efeitos mais sólidos, foram aplicados questionários semiestruturados aos membros associados da respectiva cooperativa, isto é, com base em uma amostragem não probabilística dos munícipes, essencialmente a classe dos pescadores artesanais. Os questionários foram enviados e aplicados aos pescadores de 18 de outubro a 5 de novembro de 2017.

O contato inicial com os pescadores entrevistados foi feito de forma consensual nos seus locais de trabalhos, principalmente para os pescadores não cooperados. Os pescadores cooperados foram identificados mediante a solicitação feita à associação das cooperativas de pesca artesanal do Nzeto, e os questionários foram aplicados aos membros da cooperativa Dialungana quando estes desembarcavam na costa.

De modo a compreender efetivamente a comunidade pesqueira e a cooperativa estudada, bem como seus cooperados, foram aplicados questionários a 38 pescadores, sendo vinte membros da cooperativa e dezoito pescadores não cooperados. Pretendeu-se fazer essa divisão categórica com o intuito de estabelecer um estudo comparativo entre pescadores que estejam integrados a uma organização que defendam seus interesses variados e aqueles que exercem suas profissões sem qualquer respaldo de reconhecimento institucional em nível organizativo.

O processo de seleção dos pescadores para o estudo simplesmente obedeceu aos critérios daqueles que compõem a cooperativa, mediante o conhecimento do presidente da mesma. Em relação aos pescadores não-cooperados não foi estabelecida qualquer seleção criteriosa, visto que se pretendia dar voz e extrair informações pertinentes dessa classe que carrega com eles anos longos de experiências e vivência na pesca.

Definidos os pescadores informantes e com o auxílio dos questionários, foram levantadas informações com base nas seguintes categorias: a) identificação, como sendo uma abordagem às perguntas sobre idade, escolaridade, número de filhos; b) situação do cooperado na atividade pesqueira, abordando questões específicas do funcionamento da cooperativa, de seus objetivos ao integrar-se na organização, e contrariamente, da não adesão a organização; c) mulheres na pesca, abordagem exclusivamente feminina no exercício da pesca artesanal bem como seu papel doméstico.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos questionários aplicados foi possível identificar o perfil dos pescadores segundo categorias como gênero, faixa etária, número de filhos, estado civil e escolaridade (Tabela 1).

**Tabela 1:** Perfil dos pescadores.

		HOMENS		MULHERES	
		Cooperados	Não cooperados	Cooperadas	Não cooperadas
		(10)	(10)	(12)	(06)
<b>Quantidade</b>		50%	50%	67%	33%
<b>Faixa etária (anos)</b>	15  --- 20	-	20%	17%	-
	20  --- 30	10%	10%	33%	33%
	30  --- 40	20%	10%	25%	33%
	40  --- 50	30%	40%	17%	33%
	50  --- 60	40%	10%	8%	-
	≥ 60	-	-	-	-
<b>Escolaridade<sup>a</sup></b>	1° inc.	20%	30%	17%	-
	1° comp.	-	10%	8%	50%
	2° inc.	10%	-	8%	17%
	2° comp.	20%	30%	33%	-
	NM inc.	30%	30%	17%	17%
	NM comp.	10%	-	17%	-
	SUP inc.	10%	-	-	-
SUP comp.	-	-	-	-	

	Sem escol.	-	-	-	17%
<b>Estado civil</b>	Solteiro (a)	90%	90%	100%	100%
	Casado (a)	-	-	-	-
	Viúvo (a)	10%	10%	-	-
<b>Nº filhos</b>	1  --- 2	20%	20%	25%	17%
	2  --- 5	10%	20%	42%	50%
	5  --- 8	10%	40%	25%	33%
	8  --- 10	60%	20%	8%	-

(<sup>a</sup>Escolaridade: 1º inc. = primeiro grau incompleto; 1º comp. = primeiro grau completo; 2º inc. = segundo grau incompleto; 2º comp. = segundo grau completo; NM inc. = nível médio incompleto; NM comp. = nível médio completo; SUP inc. = superior incompleto; SUP comp. = superior completo; Sem escol. = sem escolaridade). Fonte: elaboração do autor sobre dados coletados.

Foi possível verificar que a faixa etária dos pescadores se apresenta de forma variada, havendo leve predominância de homens mais velhos sobre as mulheres. Além disso, pode-se perceber também a presença de poucos jovens, com idade entre 15 e 20 anos (tanto homens quanto mulheres), o que é reflexo da necessidade de obtenção de renda e também de auxílio à família. Ainda assim, ocorre o abandono da prática pesqueira ou interesse em exercer a pesca artesanal das camadas mais jovens, que procuram por outras atividades profissionais mais atrativas. Segundo o INE (2016a), a idade média da população angolana é 20,6 anos, com mediana de 16,0. Já na área urbana é de 21,3 anos e na rural de 21,2 anos. Nesse caso, fazendo a separação entre gêneros, a idade média dos homens é de 20,2 anos e a das mulheres 21 anos.

Uma questão que se faz muito importante é o nível de escolaridade dos entrevistados: grande parte relata não ter concluído o nível médio, alguns não possuem sequer o primeiro grau completo e há um caso de ausência de escolaridade. Portanto, pode-se dizer que há um acesso bastante precário à educação na comunidade, o que corrobora os dados de escolaridade baixa do próprio país. Cabe então mencionar que a taxa nacional de alfabetismo é de 66%, no entanto, a da área urbana é praticamente o dobro daquela da área rural, sendo que a distribuição é 79% para a primeira e 49% para a segunda. Em suma, simetria significativa é observada entre os gêneros nas duas populações, 80% nos homens contra 53% nas mulheres. Porém, devemos ressaltar que a população que não sabe ler e escrever é essencialmente idosa, ou melhor, apenas 27% da população com 65 ou mais anos sabe ler e escrever (INE, 2016b).

Segundo a Angop (2016), existem no Nzeto quarenta escolas, sendo que 32 delas são responsáveis pelo ensino primário, sete escolas pelo ensino secundário (ensino fundamental), e, a essas unidades escolares, pertencem também as componentes comunais, com a existência de salas de aulas de forma atender outras pessoas. Houve um crescimento no número de pessoas a frequentar o ensino primário, que atingiu 9.766 alunos; já o primeiro ciclo alcançou 3.173; o segundo, 1.784, e o mais importante, a alfabetização, com 2.588 alunos, perfazendo o total de 17.341.

Com relação ao estado civil, todas as mulheres (cooperadas e não cooperadas) e grande parte dos homens declaram-se solteiros, o que se deve ao fato de que o casamento que prevalece, por questões culturais, é o denominado tradicional, ou seja, aquele que não tem respaldo legal. De maneira a deixar claro esta situação, o estado civil de solteiro em Angola caracteriza a maior parte da população com 12 ou mais anos de idade, o equivalente a 46%, por outro lado, as uniões conjugais formalizadas através do casamento representam apenas 14% e aquelas que são consumadas por união de fato representam 34%. Os divorciados correspondem a 0,4%. Separados a 2,5% e viúvos 3,5%. (INE, 2016).

Para complementar a questão familiar, pode-se notar que há predominância de um alto número de filhos, que pode ser considerado reflexo do nível de escolaridade e de pobreza da população. Por sua vez, na comunidade pesqueira escolarizada, os filhos também participam e auxiliam o trabalho dos pais (Figura 3) realizando a divulgação e



ajudando na venda. Além deles, os membros da cooperativa também contam com a participação de parentes, como forma de aumentar a renda da casa.

**Figura 3:** Coparticipação das crianças no auxílio aos pescadores.



Fonte: autor

Em relação às perspectivas futuras dos pescadores entrevistados, tanto homens como mulheres pretendem dar continuidade, futuramente, a seus negócios na pesca, justificando que há uma grande escassez de emprego e que é esta atividade a responsável por fornecer seu sustento. A única mulher cooperada entrevistada que não pretende dar continuidade aos negócios explicou que, por ser jovem (pertencente à faixa etária de 15-20 anos), deseja buscar outras alternativas para obter sua renda. Por fim, ainda no âmbito das projeções futuras, os pescadores dividem-se em suas opiniões, sendo que apenas uma pequena parte deles (9,2%) considera a situação da pesca artesanal como instável futuramente.

Por conseguinte, é importante mencionar e abordar a temática da saúde dos pescadores, pois, sem dúvida, o exercício da pesca e os ambientes de produção acarretam risco à saúde. São identificadas com maior incidência doenças como diarreias, dores de cabeça, febres, dores nos rins, tosse, malária e ferimentos no corpo. Em contrapartida, a cooperativa não oferece ou dispõe de apoio médico hospitalar para seus membros. Infelizmente, frequentemente, as doenças originadas no trabalho são percebidas em estágios já avançados e isso se entende quando muitas delas, em sua fase inicial, apresentam sintomas comuns a outras patologias, o que dificulta a identificação dos processos que a geraram, bem mais abrangente do que a mera exposição a um agente exclusivo (MINAYO-GOMEZ; THEDIN-COSTA, 1997).

De acordo com a Angop (2017), há na comunidade apenas um hospital geral em fase de ampliação, que pretende duplicar a capacidade atual de 49 leitos, e também a construção de mais três centros médicos. Entretanto, o município conta com doze centros médicos e catorze postos de saúde, sendo que cada comuna do município possui um centro de saúde e cada aldeia possui um posto de saúde. Vale enfatizar que, no município, os profissionais da saúde estão distribuídos da seguinte forma: quatro médicos cubanos, três sul-coreanos, e quatro angolanos. O hospital municipal atende entre 250-300 pessoas, perfazendo a média de 25 pessoas por especialidade e o banco de urgência. As doenças predominantes na província são a malária (devido à característica do próprio município de possuir alta incidência de precipitação pluviométrica e também às más condições e deficiência de saneamento básico e estruturas sanitárias domésticas), as doenças diarreicas agudas e respiratórias.



Um estudo qualitativo foi desenvolvido em uma comunidade de pescadores artesanais da Bahia (Brasil), população essencialmente composta por família produtiva pescadora e marisqueira. De início, foram verificadas características de vulnerabilidade socioeconômica, como baixo nível de escolaridade e trabalho precoce de crianças adolescentes e idosos corroborando dados deste estudo. Consequentemente, na base das condições de trabalho, está a jornada extenuante; entretanto, como fruto desse trabalho braçal são detectadas atividades com movimentos repetitivos e cadências aceleradas, sobrecarga nos ombros e ausência de pausas (PENA; GOMEZ, 2014).

Há vários desejos de melhoria de vida para estes pescadores, principalmente no eixo profissional, o que permeia cadeia produtiva de modo a facilitar o trabalho. Tais desejos são a falta de meios ou estruturas de que não podem usufruir. Entretanto, a construção de uma escola técnico-profissional de pesca constitui o maior desejo dos pescadores, de forma que seja possível adquirir conhecimentos técnico-científicos para a prática pesqueira. A construção de um balneário público também constitui uma preocupação urgente no seio dos pescadores, de modo que possa atender oportunamente suas necessidades.

A Figura 4 ilustra o espaço onde é realizado o desembarque dos pescadores.

**Figura 4:** Pescadores em processo de desembarque



**Fonte:** autor

Embora a pesca na comunidade do Nzeto seja caracterizada como totalmente artesanal, os pescadores clamam por melhorias dos equipamentos de pescas, como embarcações, linhas de pesca, coletes salva-vidas, lanterna, e capas de chuva. As Figuras 5 e 6 ilustram os tipos de embarcações utilizadas pela comunidade em questão.

**Figura 5:** Embarcações utilizadas pelos pescadores.



**Fonte:** autor

**Figura 6:** Embarcações utilizadas pelos pescadores



**Fonte:** autor

As mulheres dedicam-se exclusivamente às atividades de salga, secagem e venda do peixe, em ambientes que podemos considerar muito precários para atividade ou manuseio de produto comestível, e a exposição aos riscos de saúde é total. Há uma forte exposição a chuvas, radiação solar e variações climáticas (alternância de temperaturas). As Figuras 7 e 8 ilustram como é desencadeado o trabalho feminino e as más condições de posicionamento ergonômico, bem como a exposição direta a radiação e chuvas.

**Figura 7:** Trabalho de limpeza do pescado realizado pelas mulheres



**Fonte:** autor

Os pescadores relatam falta de assistência médica, de materiais de pesca, de estruturas apropriadas para trabalhar e de escolas de treinamento para assessorar a atividade pesqueira. Ainda assim, não pretendem deixar de realizar a pesca artesanal por ser este o meio de subsistência viável em meio ao desemprego.

**Figura 8:** Trabalho de salga do pescado realizado pelas mulheres



**Fonte:** autor

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na comunidade pesqueira do Nzeto, um lugar marcado plenamente pela ruralidade do espaço e, parte de seu povo considerado camponês-pescador, é nitidamente visível as necessidades destes munícipes em todos aspectos da vida cotidiana, quer a econômica, quer a social. Pescadores artesanais se vêm totalmente obrigados, por conta da necessidade de subsistência financeira, a abraçar a interajuda familiar de esposas, filhos e parentes, de modo a aumentar satisfatoriamente a renda familiar. Todo agregado familiar participa de alguma maneira da cadeia produtiva que ocorre de três formas diferentes: embarque, desembarque e processamento do pescado. Na comunidade, a única fonte predominante de geração de emprego é o estado representado por suas instituições que estão presentes no município e na própria administração municipal. Neste contexto, a pesca artesanal representa o amparo para uma vida digna, e fuga de

uma vida sem qualquer fonte de renda. Mas é importante apontar que a atividade pesqueira é marcada na comunidade por falta de apoio do âmbito político e social que possa dar a esta classe maior representatividade e fomentar a produção pesqueira de modo a atender um número considerável das populações não só em nível local como provincial, na luta contra fome e pobreza.

## REFERÊNCIAS

ANGOLA. **Portal Oficial do Governo de Angola**. Luanda, s. d. Disponível em: <<http://www.governo.gov.ao/>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

ANGOP - Angola Press. **Praia do Nzeto transformada em local de auto-sustento**. 20 set. 2017.

Disponível em: <[http://www.angop.ao/angola/pt\\_pt/noticias/sociedade/2017/8/38/Zaire-Praia-Nzeto-transformada-local-auto-sustento,8e26526d-2a62-4091-a73b-277bbfd75661.html](http://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/sociedade/2017/8/38/Zaire-Praia-Nzeto-transformada-local-auto-sustento,8e26526d-2a62-4091-a73b-277bbfd75661.html)>. Acesso em: 21 mar. 2018.

BUNGA, C.E.S. **Pobreza, fome e estratégias para a sua mitigação na cidade de Namibe-Angola**. 2015. 166f. Dissertação de mestrado em gestão de território-Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Nova Lisboa, Lisboa.

CLAUZET, M.; RAMIRES, M.; BARRELLA, W. Pesca artesanal e conhecimento local de duas populações caiçaras (Enseada do Mar Virado e Barra do Una) no litoral de São Paulo, Brasil. **Multiciência**, v. 4, n. 4, p. 1-22, 2005.

DIEGUES, A. C. A interdisciplinaridade nos estudos do mar: o papel das ciências sociais. XV Semana de Oceanografia, Instituto Oceanográfico da USP. **Anais...** São Paulo, Universidade de São Paulo, 2003.

DU PREEZ, M. Fishing for Sustainable Livelihoods in Angola: The Co-operative Approach. **SAIIA**, n. 45, p. 1–25, 2009.

INE – Instituto Nacional de Estatística (Angola). **Inquérito integrado sobre o bem-estar da população/IBEP**. Relatório de tabelas, v. II. Luanda: INE, 2011.

\_\_\_\_\_. **Projeção da população da província do Zaire 2014-2050**. Luanda: INE, 2016a.

\_\_\_\_\_. **Recenseamento geral da população e habitação**. Resultados definitivos da província do Zaire. Luanda: INE, 2016b.

KONDA, F. D. M. Present Status of Fisheries Wealth in Angola. **Journal of Marine Bioscience and Biotechnology**, v. 3, n. 1, p. 1–6, 2008.

MINAYO-GOMEZ, C.; THEDIM-COSTA S. M. F. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. **Cadernos de Saúde Pública**. v. 13, n. 2, p. 21-32, 1997.

NETO, F. A.P. **Estudo de sismicidade natural de Angola e desencadeada no médio Kwanza**.2014, 134p. Dissertação de mestrado em geociência aplicada -Instituto de Geociência, Universidade de Brasília, Brasília.

OLIVEIRA, M. dos S.; ARTMANN, E. Características da força de trabalho médica na Província de Cabinda, Angola. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 25, n. 3, p. 540–550, 2009.

PENA, P. G. L.; GOMEZ, C. M. Saúde dos pescadores artesanais e desafios para a Vigilância em Saúde do Trabalhador. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 12, p. 4689–4698, 2014.

RAMALHO, C. W. N. **Ah, esse povo do mar!** Um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana. São Paulo/Campinas: Polis/Ceres-Unicamp, 2006.

UNCTD - Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento. **Quem se beneficia com a liberação do comércio em Angola? Uma perspectiva de gênero**. Nova York/Genebra: ONU, 2013. Disponível em: <[http://unctad.org/en/PublicationChapters/ditc2013d3\\_pr.pdf](http://unctad.org/en/PublicationChapters/ditc2013d3_pr.pdf)>. Acesso em: 29 dez. 2015.

ZAIRE (província de Angola). **Plano de Desenvolvimento Provincial do Zaire - 2013/2017**. M'Banza Kongo: Governo da Província do Zaire, 2014.